

ELEGIA PARA MARIA ALVES

Trago-te aqui estas flores
– Filhas que são, modestas, de um sol de outubro –
São flores das velhas cercas, flores de espinheiros,
São verbenas e perpétuas, bogaris e resedás;
Têm as cores do céu nos crepúsculos longínquos
E a transparência e a limpidez das tardes em que sonharam moças
Nos mirantes de antigos jardins dos arrabaldes.

As frutas que deposito no chão, no teu chão, dentro desta
[folha de aninga. . .

– Filhas, também, de um sol que tu não viste –
São aracás silvestres, cajás de cercas nativas,
Pitangas, maçarandubas, corações-de-rainha;
São vermelhas, são cheirosas e amarelas
Como se fossem. . . como se flores ainda. . .

As terras que espalho sobre o terreno do teu corpo vazio
– De muito distante vieram –
São areias do Rio Doce e da Piedade
Barros vermelhos das ribanceiras do Mar
Argilas das “Ruínas de Palmira” com as suas cores
De arco-íris naufragado entre os morros de Olinda.

Assim, Maria, trago-te flores, frutas e terras. . .
E para que se conservem sempre frescas e puras
Sobre elas derramo estas águas
Que são doces e claras, que são mansas e amigas:
Água da Levada de Apipucos
Água da Bica do Rosário
– Relíquias de chuvas antigas –
Águas por mim, por ti, por todos nós choradas.